

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: o Iluminense

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 05/06/87

Pg.: \_\_\_\_\_

**Cacique Wataju, de  
190 Goiás, pede ajuda**



Wataju e Ajurá temem a extinção da raça com a construção da estrada

O cacique João Wataju e seu genro Maurício Wajuriá, da aldeia Javaé de Boto Velho, estiveram ontem à noite no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde denunciaram irregularidades cometidas contra seu povo e pediram apoio ao "homem branco". Os índios chegaram ao Rio no dia 28 e estão alojados na casa de um linguista do Museu do Índio, Marcos Maia, em Itaipu.

Ontem, eles também foram recebidos na Assembléia Legislativa, onde o Deputado Carlos Minc fez moção de apoio à causa indígena. Na terça-feira, será o vereador Sérgio Marcolini (PDT) quem presidirá na Câmara Municipal de Niterói, numa seção solene em defesa das nações indígenas, com a presença do cacique.

A aldeia Javaé de Boto Velho, às margens do Rio Javaés, em Goiás, enfrenta três problemas que podem ocasionar a extinção de seus 58 índios. O primeiro problema surgiu em 1983, quando foram iniciadas as obras de construção da Estrada Transaraguaia, cujo projeto passa a um quilômetro da aldeia de Boto Velho.

— Primeiro vão morrer as plantas e os bichos e depois será a nossa vez — declarou o cacique.

A Transaraguaia (GO-262) corta o trecho norte da Ilha de Bananal e dois importantes parques: o Nacional do Araguaia, sob responsabilidade do Instituto

Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e o Indígena do Araguaia, da Funai. Com a invasão dos brancos nessas duas áreas, a ecologia estará ameaçada, principalmente com a extinção de espécies animais, como o lobo-guará, o tamanduá-bandeira, o tatu-canastra, o cervo do pantanal, a ariranha e o gavião real (todos incluídos na lista oficial das espécies sob risco de extinção).

Além da estrada, existe um projeto para desviar as águas do Rio Araguaia para o Rio Javaés, o que causaria a inundação da aldeia do cacique João Wataju. Ele não consegue sequer imaginar o que aconteceria ao seu povo, caso isso seja realizado. Marcos Maia, que está acompanhando o cacique em suas visitas em busca de apoio, denuncia que o projeto, apesar de irrigar uma área de 300 mil hectares, está tendo a participação de um "grupo português que fugiu de Angola, após a independência".

Não bastassem esses dois problemas, a comunidade de Boto Velho não recebe qualquer assistência da Funai. A área onde vivem os índios está sob interdição e não foi demarcada ainda. Além disso, o posto médico mais próximo fica a 150 quilômetros.

— A minha neta de 11 anos morreu na semana passada por falta de remédios — afirmou o cacique, acrescentando que acredita que o apoio recebido no Rio vai mobilizar a Funai e o Governo.